



## **Françoise Choay (1925)**

### **Françoise *Choay* (1925)**

PAQUOT, Thierry <sup>1</sup>

RIBEIRO, Elane Peixoto Ribeiro<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Autor. Universidade Paris -12- Val de Marne, Institut d'Urbanisme de Paris. Paris, França.

<sup>2</sup> Tradutora. Professora da Universidade de Brasília, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. Brasília, Distrito Federal, Brasil.  
elanerib@hotmail.com  
ORCID:0000-0001-9998-3438

Recebido em 04/07/2023. Aceito em 08/04/2023.

## Notas da Tradução<sup>1</sup>

O artigo a seguir é uma biografia de Françoise Choay escrita por Thierry Paquot. Foi originalmente publicada em alemão em *Frauen blicken auf die Stadt: architektinnen, planerinnen – Theoretikerinnen des Städtebaus II* em 2019, em livro organizado por Katia Frey e Eliana Perrotti. A trajetória profissional de Françoise Choay, aqui contemplada, compreende sua formação, publicações e direção de coleções e seu papel na introdução de autores estrangeiros na França.

Thierry Paquot, filósofo e ensaísta, publicou numerosos livros sobre a urbanização planetária, as utopias, a geo-história e o pensamento ecológico. Entre seus livros, encontram-se: *Désastres urbains. Les villes meurent aussi* [Desastres urbanos. As cidades também morrem] (2015, 2019); *Mesure et démesure des villes* [Medida e desmedida das cidades] (2020); *Demeure terrestre, enquête vagabonde sur l'habiter* [Morada terrestre, pesquisa divagante sobre o habitar] (2020); *L'Amérique verte. Portraits d'amoureux de la nature* [A América verde. Retratos amorosos da natureza] (2020); *Les Bidonvilles* [As favelas] (2022); *Rachel Carson. Pour la beauté du monde* [Rachel Carson. Pela beleza do mundo] (2023).

Considera-se importante o esclarecimento sobre algumas sinalizações adotadas no texto que indicam escolhas da tradutora. As referências entre colchetes compreendem a indicação de títulos traduzidos para o português; títulos originalmente escritos em francês e não traduzidos para o português, optou-se por uma tradução livre; títulos originalmente escritos em outro idioma que não o francês e sem tradução para o português, optou-se por informar o título no idioma em que foi escrito. Os colchetes também foram utilizados para a inserção de palavras que colaboram para o entendimento do texto. As citações de Françoise Choay, quando possível, foram pesquisadas nas traduções publicadas no Brasil. Os títulos dos periódicos foram mantidos no original. Quanto à escrita, procurou-se respeitar o ritmo do autor, com atenção aos tempos verbais empregados.

## Notes on the translation

*The following article is Françoise Choay's biography written by Thierry Paquot. It was originally published in German in Frauen blicken auf die Stadt: architektinnen, planerinnen - Theoretikerinnen des Städtebaus II in 2019, in a book organized by Katia Frey and Eliana Perrotti. Françoise Choay's professional trajectory, covered here, comprises her training, publications, direction of collections and her role in introducing foreign authors to France.*

*Thierry Paquot, philosopher and essayist, has published numerous books on planetary urbanization, utopias, geo-history and ecological thought. His books include: Désastres urbains. Les villes meurent aussi [Urban disasters. Cities also die] (2015, 2019); Mesure et démesure des villes [Measurement and unmeasure of cities] (2020); Demeure terrestre, enquête vagabonde sur l'habiter [Earthly dwelling, rambling research on dwelling] (2020); L'Amérique verte. Portraits d'amoureux de la nature [Green America. Amorous portraits of nature] (2020); Les Bidonvilles [The slums] (2022); Rachel Carson. Pour la beauté du monde [Rachel Carson. For the beauty of the world] (2023).*

*It is important to clarify some signs adopted in the text that indicate the translator's choices. The references in brackets comprise the indication of titles translated into Portuguese; titles originally written in French and not translated into Portuguese, we opted for a free translation; titles originally written in a language other than French and not translated into Portuguese, we opted to inform the title in the language in which it was written. The square brackets were also used to insert words that contribute to the understanding of the text. The quotes from Françoise Choay, when possible, were researched in the translations published in Brazil. The journal titles were kept in the original language. As for the writing, we tried to respect the author's rhythm, paying attention to the verb tenses used.*

---

<sup>1</sup> A versão francesa do texto da qual resultou a presente tradução foi, gentilmente, cedida pelo autor à professora Priscilla Peixoto.

*The French version of the text from which the present translation resulted was kindly provided by the author to Professor Priscilla Peixoto*

*La versión francesa del texto que ha servido de base para la presente traducción ha sido amablemente facilitada por el autor a la profesora Priscilla Peixoto.*

## Notas de la traducción

*El siguiente artículo es una biografía de Françoise Choay escrita por Thierry Paquot. Se publicó originalmente en alemán en *Frauen blicken auf die Stadt: architektinnen, planerinnen - Theoretikerinnen des Städtebaus II* en 2019, en un libro organizado por Katia Frey y Eliana Perrotti. La trayectoria profesional de Françoise Choay, abordada aquí, comprende su formación, sus publicaciones y la dirección de colecciones, así como su papel en la introducción de autores extranjeros en Francia.*

*Thierry Paquot, filósofo y ensayista, ha publicado numerosos libros sobre urbanización planetaria, utopías, geohistoria y pensamiento ecológico. Entre sus libros figuran: *Désastres urbains. Les villes meurent aussi* [Los desastres urbanos. Las ciudades también mueren] (2015, 2019); *Mesure et démesure des villes* [Medición y desmedición de las ciudades] (2020); *Demeure terrestre, enquête vagabonde sur l'habiter* [Vivienda terrestre, investigación sobre el habitar] (2020); *L'Amérique verte. Portraits d'amoureux de la nature* [La América verde. Retratos amorosos de la naturaleza] (2020); *Les Bidonvilles* [Los barrios de chabolas] (2022); *Rachel Carson. Pour la beauté du monde* [Por la belleza del mundo] (2023).*

*Es importante aclarar algunos signos adoptados en el texto que indican las elecciones del traductor. Las referencias entre corchetes comprenden la indicación de títulos traducidos al portugués; títulos escritos originalmente en francés y no traducidos al portugués, optamos por una traducción libre; títulos escritos originalmente en una lengua distinta del francés y no traducidos al portugués, optamos por informar del título en la lengua en que fue escrito. Los corchetes se utilizaron también para insertar palabras que contribuyen a la comprensión del texto. Las citas de Françoise Choay, cuando fue posible, se investigaron en las traducciones publicadas en Brasil. Los títulos de las revistas se han mantenido en su idioma original. En cuanto a la redacción, intentamos respetar el ritmo de la autora, prestando atención a los tiempos verbales utilizados.*

## Françoise Choay (1925)

Historiadora das ideias, crítica de arte e arquitetura, Françoise Choay não é apenas uma das principais referências internacionais para a compreensão das formas contemporâneas de urbanização, é também uma teórica do patrimônio e uma incansável introdutora [na França] de autores que ela fez traduzir ou que colabora a (re) descobrir. Um itinerário intelectual de elevados padrões conceituais e imparável probidade moral expresso por suas várias posições, nunca nostálgicas de um "antes era melhor", mas preocupadas com uma liberdade sempre reivindicada.

### Do jornalismo à universidade

Sem entrar no labirinto genealógico, especifiquemos que Françoise Weiss (nascida em 29 de março de 1925 em Paris) tem por avô paterno Paul-Louis Weiss (1867-1945), engenheiro politécnico de minas, que se casou com Jeanne-Félicie Javal, cujo pai é o famoso oftalmologista, teórico do estrabismo, Louis-Émile Javal (1839-1907). Eles terão cinco filhos, incluindo Louise Weiss (1893-1993), feminista, jornalista, europeia convicta, Marie Jenny Aubry (1903-1987), renomada neuropediatra e psicanalista (sua filha Elisabeth Roudinesco, nascida em 1944, é historiadora da psicanálise). Outra dessas crianças é ninguém menos que André (1899-1950), politécnico e então advogado de direito internacional, pai de Françoise, morto em um estúpido acidente de carro. As várias ramificações familiares colaboram para definir um ambiente social confortável (banqueiros, engenheiros politécnicos, médicos, industriais, etc.), laico (onde se cotejam protestantes alsacianos discretos e judeus republicanos), aberto ao progresso social (o pai de Jeanne-Félicie Javal é saint-simoniano, quando de sua morte, [André] encoraja sua irmã, Sophie Wallerstein, a administrar os bens de família a partir de 1872, 3.000 hectares na Bacia de Arcachon, onde, em 1913, ela abrirá o sanatório dedicado a crianças que sofrem de raquitismo e asma...). A guerra chega para interromper uma adolescência protegida, Françoise acompanha sua mãe Colette para um maquis comunista em Corrèze, onde descobre a ideologia stalinista que a vacinará contra todo engajamento político cego, enquanto continua seus estudos de filosofia, garantindo o cotidiano e sendo mensageira, em condições de restrição e desconforto que ela não supunha.

Na Liberação, seu pai foi nomeado pelo governo provisório *préfet*<sup>2</sup> de Hérault, antes de retornar ao seu escritório de advocacia em Paris. Em Montpellier, ela obtém seu Certificado de Estudos Superiores em Filosofia em Kierkegaard. Trilíngue (francês / alemão / inglês), vai trabalhar em uma instituição internacional, com sede em Bruxelas, dedicada à indenização de vítimas da guerra. Muito bem remunerada, depois de dois anos, considera seu estilo de vida desinteressante e decide terminar seus estudos na Sorbonne, onde segue os cursos de Jean Hyppolite sobre Hegel e Gaston Bachelard, "dois mestres" - garante ela. Casa-se com Jean Choay (1923-1993), diretor científico dos laboratórios farmacêuticos fundados por seu avô, homem de grande distinção e sólida cultura, assim descrito pelo cineasta e escritor Alain Fleischer em *Le Carnet d' Adresse* (Seuil, 2008, p. 220-221):

Nós os chamávamos de "os Choays" porque formavam um casal notável, recebendo em casa a boa sociedade parisiense da ciência, das artes e das letras, como se costuma dizer. Lembro-me de ser convidado para dois ou três jantares, em seu lindo apartamento no Faubourg Saint-Honoré, onde os lugares eram criteriosamente distribuídos [entre] biólogos, filósofos, escritores, cineastas, artistas, mesclando também gerações, celebridades e iniciantes. Encontrávamos reunidos em torno

<sup>2</sup> *préfet* não tem equivalente em português, trata-se de um cargo representativo dos interesses nacionais e responsável pelo cumprimento da lei. Foi criado por Napoleão Bonaparte e concentrou poderes até a lei de 02/03/1982, relativa à descentralização da administração francesa.

dessas mesas personagens como Philippe Sollers, Pierre-Jean Rémy, Noëlle e François Chatelet, Roland Barthes, Gérard Titus-Carmel. (...) "Os Choays" eram personalidades fortes (...) Esse homem, de grande distinção, conseguiu transmitir sua erudição e seu humor, apesar da severa deficiência da doença de Parkinson (...) [Françoise Choay] era uma mulher em que o encanto físico competia com a sedução da inteligência.

Terão duas filhas, uma estudará história e preparará uma antologia de textos do *Paris-Guide* [Paris-Guia] (2 tomos, 1869) publicada por François Maspero (*Paris-Guide par les principaux écrivains et artistes de la France*, de Corinne Verdet, um volume, 1983) [Paris-Guia pelos principais escritores e artistas da França], a outra realizará estudos da língua inglesa e traduzirá *La formation de Le Corbusier; Idéalisme et mouvement moderne* [*The Education of Le Corbusier*] de Paul V. Turner (Edições Macula, 1987) e publicará os estudos sobre Walt Whitman de Pauline Lescaur.

Foi no casamento do arquiteto e futuro romancista Michel Bataille (sobrinho do sulfuroso Georges) que [Françoise Choay] conhece o construtor Jean Prouvé (1901-1984) que a converte à arquitetura. Ele acabava de concluir a "*Maison des jours meilleurs*" [Casa dos dias melhores], após o chamado do Abbé Pierre (inverno de 1954). Ela visita essa obra e escreve um artigo em 1956 sobre o protótipo e o apresenta ao semanário *France-Observateur* (ancestral do *Nouvel Observateur*), onde não conhece ninguém. O entrega em mãos do editor-chefe, Gille Martinet, que o lê e, encantado, lhe pede outros. Foi o início de uma carreira crítica tanto na *France-Observateur* (onde escreve o primeiro artigo a respeito Yves Klein e sobre os grandes conjuntos habitacionais, essas "gaiolas de galinhas") e *L'œil* (onde publica o primeiro artigo sobre Jackson Pollock), mas também na *Revue d'Esthétique, Preuves* (com uma pesquisa importante, "*La ville et l'imaginaire*" [A cidade e o imaginário], n° 209-210 e n° 211, 1968) ou mesmo na *Critique, Art en France, La NEF, La Quinzaine Littéraire* (fundada em 1966 por Maurice Nadeau e François Erval) e *Architectural Forum* da qual é correspondente na França. Este aprendizado prático de jornalismo reforça seu senso de observação, seu pensamento crítico, sua vontade de escrever para o "público em geral", a necessidade de verificar tudo e ir direto ao ponto. Mais tarde, embora raramente escrevesse à imprensa, ela reivindicará seu passado jornalístico como formador particular e lamentará que muitos alunos de doutorado ignorem tal démarche que combina investigação e redação eficaz.

Em 1965, em meio à modernização da França iniciada pela V República sob a autoridade do General de Gaulle, Françoise Choay publica a primeira antologia dedicada ao urbanismo. É preciso admitir que se trata de uma "disciplina" pouco conhecida e geralmente entendida como jurídica, administrativa e técnica e, portanto, pouco atraente. Esse conjunto é uma coletânea de 38 passagens de textos de 38 autores que ninguém havia antes reunido em 9 capítulos distinguindo: "o pré-urbanismo progressista" (principalmente utópicos), "o pré-urbanismo culturalista" (A.W.N. Pugin, J. Ruskin e W. Morris), "o pré-urbanismo sem modelo" (Marx, Engels, Kropotkine; Boukharine e Prébrajensky), "o urbanismo progressista" (T. Garnier, G. Benoit-Lévy, W. Gropius, Le Corbusier e SG Stroumiline), "o urbanismo culturalista" (C. Sitte, E. Howard, R. Unwin), "urbanismo naturalista (FL. Wright), representantes da" Tecnotopia "(E. Hénard, C. Buchanan e I. Xenakis), da" Antropólis "(P. Geddes, M. Poëte, L. Mumford, J. Jacob, L. Duhl e K. Lynch) e os "filósofos" da cidade (V. Hugo, G. Simmel, O. Spengler e M. Heidegger). Esses autores não eram mais lidos ou ainda não traduzidos, então, a antologia os revelou e esse livro se firmou como um livro-texto para uma formação teórica que a maioria dos arquitetos urbanistas, muitas vezes autoproclamados, não havia feito. "Este livro", ela avisa na introdução,

não se propõe a fazer uma contribuição suplementar à crítica dos fatos; não se trata de denunciar uma vez mais a monotonia arquitetural das cidades novas ou segregação social resultante nelas. Quis procurar a significação em si dos fatos, colocar em evidência as razões dos erros cometidos, a raiz das incertezas e das dúvidas levantadas hoje por qualquer proposta de planejamento urbano. Nossa análise e nossa crítica têm, pois, por objeto, as c [sic] que fornecessem suas bases

Esta ambição é honrada em uma apresentação notável, cujas notas de rodapé demonstram a riqueza da documentação recolhida em várias línguas, desde os “clássicos” aos trabalhos mais recentes e de vanguarda. Este não é um manual universitário, mas um livro de combate, que anuncia os seguintes. Exprime perfeitamente o método e o tom que caracterizam a obra de Françoise Choay, a exemplo destas duas frases, entre outras: “O urbanista deve deixar de conceber a aglomeração urbana exclusivamente em termos de modelos e de funcionalismo. É preciso parar de repetir fórmulas fixas que transformam o discurso em objeto para definir sistemas de relações, uma pré-sintaxe aberta a significação ainda não constituída, criar estruturas flexíveis.” E: “Quanto ao habitante, sua primeira tarefa é a lucidez. Não deve nem se deixar seduzir pelas pretensões científicas do urbanismo atual, nem alienar suas liberdades nas realizações deste. Deve resguardar-se tanto da ilusão progressista quanto da nostalgia culturalista.” (CHOAY, 1979, p. 54-55)

Cinquenta anos depois, essa antologia, agora em formato de bolso, continua a alimentar gerações de estudantes e profissionais que nem sempre se dão conta das evoluções de sua autora. De fato, depois, Françoise Choay descobriu outros pensadores que teria o prazer de incluir em uma nova edição, como, por exemplo, Idelfonso Cerdà, Edward Hall, Melvin Webber, Gustavo Giovannoni, etc. Questiona, também, sua divisão em três grandes “tendências”, rejeitando a terceira (que ela prefere chamar de “naturista” em vez de “naturalista”) e mantém apenas as duas primeiras, sabendo que são mais “esquemáticas” do que operativas. Podemos notar que apenas uma mulher está presente nessa obra, Jane Jacobs (1916-2006), um sinal de que o urbanismo se declara masculino, assim como a arquitetura, pelo menos na época da primeira edição [dessa obra]. Desde então, as alunas de arquitetura, bem como de planejamento urbano e paisagismo ultrapassam o número de alunos, mas as “vedetes” são em sua maioria homens. Isto torna a cidade masculina? Sem dúvida. Os espaços públicos destinam-se principalmente a homens e meninos, mais ainda à noite do que durante o dia. Essa abordagem de gênero não estava em pauta em 1965, quando se começava apenas a considerar que o acúmulo de *Les Choses* [As coisas] (Georges Perec, 1965) não trazia felicidade, e sim, apenas por *Les belles images* [As belas imagens] (Simone de Beauvoir, 1966 )... Robert L. Delevoy (1914-1982), historiador e crítico (deve-se a ele estudos sobre Ensor, Khnopff, o *Art Nouveau* em Bruxelas, simbolismo, etc.), pede-lhe que venha ensinar na *École de La Cambre* [Escola de La Cambre], que ele dirige. Ela aceita e começa em janeiro de 1966 um curso semanal sobre “ *La ville et le langage* ” [A cidade e a linguagem] que descreve no nº 1 dos *Cahiers de La Cambre* (1967, p.95-96) [ Cadernos de La Cambre]: “ O curso propõe-se a: polemizar contra uma concepção estreitamente funcionalista do planejamento urbano; definir uma abordagem do planejamento sob o ângulo da significação; problematizar a tarefa do urbanista” Ali, ela permanece docente até 1972. Nesse ínterim, foi contactada por Pierre Merlin, que acabava de criar um departamento de urbanismo na universidade experimental de Vincennes (futuro Instituto Francês de Urbanismo), que a obrigará a defender uma tese e abraçar a carreira universitária, na qual havia pensado sem realmente nela investir. Ela sente prazer em ensinar, em despertar os mais jovens para a leitura crítica dos grandes textos, em fazê-los ver no local, em desdobrar o corpo para apreender as escalas do espaço e a potência sensorial da relação de cada um e de todos com a Terra.

## Erudição e combates

Seus primeiros trabalhos aparecem nos Estados Unidos (sobre Le Corbusier e sobre o planejamento urbano), mas é sua antologia que lhe abre as portas da universidade francesa e a incita a aprofundar o que ela já tem em si: em que e como as técnicas de produção industrializada e de comunicação generalizada mudam radicalmente a relação que mantemos com os lugares a ponto de apagar as cidades e o campo e transformá-los em não-cidades e não-campo? Ao mesmo tempo, o “monumento

<sup>3</sup> As citações de *L'Urbanisme, utopies et réalités. Une anthologie* (1965) [O urbanismo, utopia e realidades. Uma antologia] são traduções de Dafne Nascimento Rodrigues.

histórico” é promovido como principal testemunha do “patrimônio” e o “corpo” já não conta como referência de agenciamento de escalas e proporções, portanto específica da arquitetura e da cidade. Se a semiologia mobiliza seus primeiros estudos, rapidamente bifurca em direção à genealogia do urbanismo e busca sua origem no Renascimento italiano. Em 1965, anuncia uma obra intitulada *Le désir et le modele* [O desejo e o modelo], cujos elementos começa a reunir e que se tornará sua tese de livre-docência em 1978 (sob orientação de André Chastel) e *La Règle et le Modèle* [A regra e o modelo], [livro publicado] em 1980. No prefácio na nova edição de 1996, ela observa: “As grandes redes técnicas, nas quais todos os lugares podem ser conectados, todos os tipos diferentes entre cidades e campo”<sup>4</sup>, chega mesmo a pedir para que não se use mais essa última palavra, que se tornou enganosa, pois não designa mais a realidade que a fez nascer. Assim, ela anuncia que está retomando seu livro em sua versão inicial, pois o adaptar à nova situação urbana exigiria uma profunda reformulação, mas seu estudo dos textos de Alberti e Thomas More continua relevante enquanto esses autores forem os instauradores do pensamento urbanístico ainda válidos. *De re aedificatoria* de Alberti representa um texto essencial para Françoise Choay que já anunciava a sua tradução em 1980, depois em 1995 (com Pierre Caye) e que, finalmente, foi publicado em 2004 com o título de *L’art d’édifier* [A arte de edificar] com um rico aparato crítico dos dois tradutores e introdutores. Essa obra póstuma (1485) de Alberti retoma certamente Vitruvius e as três qualidades que atribui à arquitetura (*firmitas, utilitas e venustas*), as renomeando *necessitas, commoditas e voluptas*, para escrever uma obra incomparavelmente mais ampla que não se focaliza apenas nos edifícios e técnicas construtivas, mas também na cidade e na sociedade urbana, seus valores e sua governança. Thomas More escreve um texto muito mais curto, publicado em 1516, que conhecerá uma fortuna incrível - não é ele a matriz de todas as “narrativas utópicas” que se seguirão? - que continua influenciando, de forma inconsciente, a modelagem da chamada habitação “social”. Assim, a partir desses dois textos, e de muitos outros que também são apresentados e discutidos, é o poder do humanismo que Françoise Choay comenta à medida que esse declina. De fato, as técnicas que transformam profundamente os territórios e estilos de vida, de sentir e de pensar já não são uma questão do imaginário, mas do “fazer”, fazem e, ao fazê-lo, desfazem. Certamente, estamos passando do “homem imaginativo” ao “homem protético” ... Com *L’allégorie du patrimoine* (1992) [A alegoria do patrimônio], encontra-se retraçada a genealogia da relação que uma sociedade tem com o seu passado, inscrita no edificado e na explicitação da virtude patrimonial que, consagrada pelo rótulo da Unesco (“*Patrimoine Mondial*”) [Patrimônio Mundial], passou a ser questão de Estado e de muito dinheiro.

É verdade que por detrás desse rótulo se esconde a economia turística ... Ao patrimônio material (edificação, sítio natural, cidade e vilarejo...) junta-se agora o patrimônio imaterial que honra os ofícios, as línguas, as práticas ... Françoise Choay interroga-se sobre a manutenção, não das ruínas, mas das construções antigas, quais as razões para a sua possível proteção e o seu tombamento? Ela distingue, então, o “monumento” do “monumento histórico”. O primeiro existe em todas as culturas da história da Humanidade, enquanto o último é uma invenção ocidental recente. O primeiro “fala” a todos, “recorda”, “faz lembrar”, como significa sua etimologia. Logo que emudece, ele morre, não é mais mantido, não evoca mais crenças e nem incita mais os ritos. O segundo depende de uma decisão política ou institucional que escapa aos habitantes, que de alguma forma lhes é externa. Para Françoise Choay, o patrimônio só pode ser vivo, quer dizer, praticado, caso contrário, é semelhante a um desvio da história através de uma ideologia ou sua mercantilização por meio do turismo. Esses dois livros, de difícil leitura, com numerosas referências, testemunham a erudição de sua autora e o seu empenho em exigir mais do leitor. A dimensão combativa da escrita de Françoise Choay também se manifesta em artigos, como os que ela dedica a Le Corbusier para apresentar os pressupostos questionáveis de suas teses ou para apresentar o arquiteto franco-colombiano Rogelio Salmona. Seria

---

<sup>4</sup> A tradução disponível em português publicada no Brasil pela Editora Perspectiva tem por referência a edição de 1980, portanto, esta citação não é parte dela, encontrando-se na página 11 da edição de 1996, publicada em francês.

caricatural apresentar Françoise Choay como autora crítica e denunciante daquilo que ela não compartilha, ela também se posiciona por aquilo que lhe parece desejável. Seu combate também é alegre ...

## Tradutora e introdutora

Muito desenvolta no inglês, alemão e italiano e um pouco menos em espanhol que, no entanto, ela lê, Françoise Choay domina o latim e a categoria gramatical intermediária entre o substantivo e o verbo - o supino - presente em algumas línguas inclusive o latim, a ponto de traduzir Alberti. Este conhecimento de línguas estrangeiras permite-lhe manter-se a par das correntes de pensamento e dos debates antes mesmo de que cheguem à França, caso o façam ... Também seus escritos são, pelo menos, duplos: seu texto e suas referências que se abrem a outras contribuições. Alguns autores lhe parecem essenciais ao ponto de que fará tudo para que sejam traduzidos, não sem dificuldade. Na verdade, as editoras francesas são cautelosas no que diz respeito às traduções, quando se encontra "bons" tradutores, elas são caras e não se sabe se as vendas estarão a altura do investimento. É, então, durante as viagens universitárias para os Estados Unidos ou Itália que ela conhece autores interessantes ou compra obras que valem a pena traduzir. Foi por meio de François Wahl (1925-2014), *agrégé*<sup>5</sup> em filosofia e, então, editor da Seuil desde 1966, que ela se familiarizou com a editora e obtém [a direção de] uma coleção cujo nome vem de um livro não comercial publicado em 1969, *Espacements* [Espaçamentos]. Esse compreendia fotografias de Jean-Louis Bloch-Lainé e um texto de Françoise Choay, que descrevia o espaço de contacto medieval, o espaço clássico solene e espetacular, o espaço de circulação haussmaniano e o espaço difuso que vê a cidade se diluir... É fácil imaginar a diretora da coleção apresentando sua colheita com entusiasmo. Porém, quando ela recomenda *La dimension cachée* [A dimensão oculta] de Edward Hall, ele não é [publicado] na sua coleção, o mesmo para Alois Riegl, que a Seuil só publica porque Paul Veyne deseja incluí-lo em sua coleção ou mesmo ainda para *Mémoires* [Memórias] do Barão Haussmann que a editora demorou a publicar e acabou sendo um bom negócio. De fato, é a direção que decide, com seus próprios critérios [o que publicar], o que é cercado de mistério ... Françoise Choay inaugura sua coleção em 1976 com a obra do historiador da arquitetura e arquiteto britânico Joseph Rykwert *La maison d'Adam au Paradis* [A casa de Adão no paraíso], que exigiu um acompanhamento cuidadoso para que a tradução refletisse a elegância de sua escrita. John Tuner estava previsto e a tradução de *Freedom to Build* foi iniciada, contudo, não obtém um resultado satisfatório. É um outro livro, *Le logement est votre affaire* [*Housing By People: Towards Autonomy in Building Environments*], do mesmo arquiteto militante, que será publicado em outra coleção da mesma editora.

Seguirão *Une expérience d'urbanisation démocratique*<sup>6</sup> [Uma experiência de urbanização democrática] de Christopher Alexander (1976), *La Rurbanisation ou la ville éparpillée* de Gérard Bauer e Jean-Michel Roux (1977) [Rurbanização ou a cidade dispersa], *Pas à pas. Essai sur le cheminement quotidien en milieu urbain* de Jean-François Augoyard (1979) [Passo a passo. Ensaio sobre a vida cotidiana no meio urbano], *La Théorie générale de l'urbanisation* de Idelfonso Cerdà (1979) [*Teoría general de la urbanización*]... Mas ao lado dessa coleção que deixa de ser publicada em 1985, Françoise Choay trabalha, sem trégua, para apresentar outros pensadores, encontrar os tradutores ou traduzi-los ela mesma, prefaciando uns e outros, citemos três obras que, aos seus olhos, são maiores: *L'urbanisme face aux villes anciennes* [Velhas Cidades e Nova Construção Urbana] (publicado 1931 em italiano, em 1998 em francês e 2017 em português) de Gustavo Giovannoni, *L'urbain sans lieu ni bornes* [*The Urban Place and the Non-Place Urban Realm*] (publicado em 1964 em inglês, em 1994 em francês) de Melvin Webber e *Le Projet local* [*Il progetto locale. Verso la*

<sup>5</sup> Título obtido por meio de concurso público, *agregation*, para recrutar professores para o ensino em diferentes níveis - o segundo nível do ensino secundário, as classes preparatórias para as *Grandes Écoles* [Grandes Escolas - engenharia, administração, normal superior, institutos de estudos políticos] e universidades.

<sup>6</sup> O título citado em francês é possivelmente *The Oregon Experiment* publicado em 1975 que será a base para *A Pattern Language* (1977) e *The Timeless Way of Building* (1979)



*coscienza di luogo*] (publicado em 2000 em italiano e 2003 em francês) de Alberto Magnaghi. O primeiro teoriza a noção de “patrimônio urbano” (um edifício protegido isolado e museificado pouco interessa, é o seu bairro que deve ser protegido e, sobretudo, revitalizado, atribuindo novos destinos ao construído que assim permanece vivo) e combina o respeito pelo passado às promessas do futuro, sem nenhuma apreensão por novidades e arrependimento pela história. O segundo identifica com perspicácia “o papel 'desespacializante' das técnicas de ponta de comunicação e transporte e a libertação que elas nos proporcionam em relação às restrições ancestrais exercidas pela distância, os acidentes geográficos, a distribuição das aglomerações: o automóvel e o telefone são os dois símbolos e instrumentos homólogos dessa libertação”. Explica o que antes era “cidade” não existe mais de forma hegemônica, o urbano se espalha por toda parte, submerge os territórios, varre a velha oposição cidade / campo. Assim, clama-se por um novo paradigma ao qual Françoise Choay subscreve em parte: não se pode mais pensar a cidade como antes e muito menos planejá-la. A terceira [obra], de certa forma, amplia essa reflexão inaugurada por Melvin Webber, discutida por Françoise Choay em sua contribuição ao catálogo da exposição sobre *La Ville, art et architecture en Europe, 1870-1993*, “*Le règne de l'urbain et la mort de la ville*” [ O reino do urbano e a morte da cidade] (1994). Nesse texto maior, ela explica como as novas técnicas participam da desrealização do mundo, rompem com os territórios que agora “funcionam” em redes, “descoprorificam” o habitante que não é mais a medida do ambiente construído. Assim, ela encontra em Alberto Magnaghi um diagnóstico territorial baseado na ecologia, na história, na cultura de um lugar e em seus habitantes que se recusam a se submeterem à uma globalização vinda de cima à qual opõe uma globalização vinda de baixo. Em “ *Patrimoine, quel enjeu de société ?* ” [ Patrimônio, o que está em jogo para a sociedade?], que ela publicou em 2011 após a retomada da coleção *Espacements* (1969), ambos associados a um título que soa como um alerta, *La terre qui meurt* [ A terra que morre], conclui citando longamente Alberto Magnaghi :

A Sociedade dos Territorialistas (que ele fundou recentemente em 2010-NDA) objetiva elaborar uma abordagem transdisciplinar global: quer se trate de uma questão de física, das ciências naturais e da vida; quer se trate de uma questão de ciências humanas e antropologia; ou de uma questão de práticas (artesanato, arquitetura, planejamento) ou técnicas (incluindo tecnologia da computação) ligadas à construção de nosso ambiente de vida. (...) Sob os fluxos de lava da urbanização contemporânea, sobrevive um patrimônio territorial extremamente rico, pronto para uma nova fertilização por novos atores sociais capazes de cuidar dele como um bem comum. O processo está agora emergindo (...). (2011, p.95-96)

A palavra final é combativa, mesmo que a situação seja particularmente grave, e isto em escala planetária, ainda são possíveis ações para mudar o curso das coisas...

Françoise Choay armada de uma vasta cultura teórica, uma mente crítica aguçada, um estilo de escrita eficiente e preciso, uma preocupação de ir ver as coisas *in situ* - ela é uma caminhante -, de obter informações das melhores fontes, de se posicionar, o que a destaca no meio acadêmico, não terá apenas amigos, o que a obriga a se defender, o que empreende com cuidado, ou a despertar ciúmes. Como apreciar um trabalho tão poderoso e inovador? Pelo número de livros publicados, suas traduções e pelo número de críticas, reconhecimentos oficiais, citações em teses e outras obras sobre os seus principais “temas” (história das ideias sobre a cidade, história da arquitetura, análise do patrimônio...)? A resposta é tão simples quanto óbvia: lendo-a. Aí, se descobre a relevância das suas palavras (tanto sobre a arquitetura e o corpo, como sobre as consequências das técnicas na vida social e na configuração espacial dos grupos humanos), a antecipação dos desenvolvimentos da “civilização urbana”, os novos desafios ambientais que estamos enfrentando. Ela é uma feminista? Ela não usa slogans dignos de sufrágios em suas obras, seu feminismo é discreto, talvez se deva ao fato de ter se imposto como intelectual em um mundo masculino ... Como mulher de seu tempo, ela assume os problemas que a revolução digital, as mudanças climáticas, a globalização do capitalismo e as questões ecológicas impõem a fim de contribuir para os tornar inteligíveis e agir de modo a não submergir em novas formas de dependência.

## Thierry Paquot

Filósofo, urbanista e professor aposentando do *Institut d'Urbanisme de Paris*, é editor da revista *Urbanisme* desde 1994. Publicou numerosos livros sobre a urbanização planetária, as utopias, a geo-história e o pensamento ecológico. Entre seus livros, encontram-se: *Désastres urbains. Les villes meurent aussi* [Desastres urbanos. As cidades também morrem] (2015, 2019); *Mesure et démesure des villes* [Medida e desmedida das cidades] (2020); *Demeure terrestre, enquête vagabonde sur l'habiter* [Morada terrestre, pesquisa divagante sobre o habitar] (2020); *L'Amérique verte. Portraits d'amoureux de la nature* [A América verde. Retratos amorosos da natureza] (2020); *Les Bidonvilles* [As favelas] (2022); *Rachel Carson. Pour la beauté du monde* [Rachel Carson. Pela beleza do mundo] (2023).

**Contribuição de coautoria:** autor.

## Elane Ribeiro Peixoto

Professora da Universidade de Brasília, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Suas pesquisas abrangem temas da área de Teoria, História e Crítica, incluindo a tradução de textos de interesse para essa área. Assumindo a tradução como um diálogo entre culturas, foi responsável pela tradução do francês para o português de *Percorrer a cidade* [*Courir la ville*, 2002] de Henri-Pierre Jeudy e *O culto moderno dos monumentos sua essência e sua gênese*(1903) [*Le culte moderne des monuments son essence et sa genèse* , publicado em francês em 2013 ] de Aloïs Riegl. Atualmente realiza a tradução dos verbetes assinados por Françoise Choay e publicados no *Dictionnaire d'urbanisme et de l'aménagement* (2015), obra que a historiadora das ideias dirigiu em parceria com Pierre Merlin. Esta tradução é um dos resultados do trabalho de pós-doutorado de Elane Peixoto realizado junto ao Programa de Pós-graduação em Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro ( PROURB), sob a supervisão de Margareth da Silva Pereira, com apoio do CNPq.

**Contribuição de coautoria:** tradutora.

**Como citar:** PAQUOT, T.; PEIXOTO, E. R. Françoise Choay (1925). Paranoá, n. 35, p. 1–10, 2023. DOI: 10.18830/issn.1679-0944.n35.2023.08.

**Editores responsáveis:** Ana Clara Giannecchini, Elane Peixoto, Carolina Pescatori e Priscilla Alves Peixoto.

**Assistente Editorial:** Lucídio Avelino.